



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

A ATUAÇÃO DE PATRÍCIA GALVÃO COMO MILITANTE E ESCRITORA

Autores: TAISLANE VIEIRA, TELMA BORGES DA SILVA

n

A atuação de Patrícia Galvão como militante e escritora[1]

Introdução

O presente trabalho é um recorte do primeiro capítulo da dissertação de mestrado, desenvolvida na área de Estudos Literários, na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), o qual tem por objetivo abordar a trajetória de Patrícia Rehder Galvão como militante do Partido Comunista Brasileiro; retratar sua atuação no campo literário e artístico e discorrer sobre sua relação familiar.

Além disso, discutimos sobre a participação de Pagu no Modernismo apontando que, embora essa escritora só tenha participado, efetivamente, desse movimento no final da primeira denteção do Modernismo, sua narrativa, *Parque Industrial*, apresenta características das duas fases do Modernismo; reflete tanto a ideologia estética, perceptível pela revolução da linguagem presente no romance, quanto os acontecimentos históricos e o engajamento político, voltado para a ideologia de esquerda.

Discutimos também acerca do apagamento da escrita feminina pela historiografia literária. As mulheres sempre escreveram; no entanto, poucas tiveram reconhecimento nos meios acadêmicos, isso deve-se ao fato de vivermos em uma sociedade patriarcal, na qual a maioria da produção historiográfica da nossa literatura é elaborada por homens. No caso de Patrícia Galvão, comprovamos através da leitura de alguns críticos do Modernismo tais como: Alfredo Bosi, Antonio Candido, José Aderaldo Castello e Luiz Bueno, que apenas esse último menciona Patrícia Galvão como uma escritora da década de 30. É perceptível, também, que os escritores canônicos citados por esse grupo, em sua maioria são homens.

Esse trabalho é relevante, uma vez que, embora essa escritora tenha desempenhado importante papel na história e na literatura brasileiras produzindo poemas, romances e contos ao longo da década de 1930 até a década de 1960, ela não é reconhecida pela historiografia literária brasileira.

Material e métodos

Para execução dos objetivos propostos, a metodologia utilizada é da pesquisa bibliografia de textos teóricos e críticos e análise do texto literário. Para tanto, realizamos o estudo aprofundado da obra *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão e como fundamentação teórico-crítica estudamos obras que se se dedicaram a retratar a biografia dessa escritora, bem como críticos literários do Modernismo.

Resultados e discussão

Patrícia Galvão nasceu no dia 09 de junho de 1910, em São João da Boa Vista (SP), entretanto em seu registro consta como data de nascimento o dia 14 de junho. Desenvolveu vários trabalhos no campo artístico, cultural e político; foi jornalista, escritora, desenhista, crítica de teatro e militante. Teve vários pseudônimos: King Shelter, Mara Lobo, Gim, Cobra, Ariel, Solange Sohl, Pat e Leonnie. No entanto, era mais conhecida como Pagu, apelido atribuído a ela por Raul Bopp, ao produzir o poema “Coco de Pagu”, no ano de 1928, homenageando a mais nova contribuinte do modernismo.

O presente trabalho é fruto da pesquisa de mestrado realizado no programa de Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros; foi realizado com Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Código de Financiamento 001.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Desse modo, ainda que Patrícia Galvão tenha recebido vários apelidos ao longo da sua trajetória, o que lhe trouxe mais reconhecimento foi ao mesmo tempo o mais rejeitado pela escritora. Pode-se dizer que Patrícia Galvão lutou a vida inteira para que suas subjetividades fossem aceitas pela família e pela sociedade. Dotada de uma personalidade forte, ela não aceitava e nem compreendia as normas impostas pela sociedade patriarcal. Ainda criança, tenta seguir um caminho oposto daquele destinado à mulher; conseqüentemente, sofreu com a incompreensão da família e da sociedade em geral. Ao longo da vida, transgrediu várias regras institucionais, que ainda hoje representam um tabu para a sociedade como, por exemplo, o início da vida sexual precoce.

Aos 15 anos ela começa a atuar em um jornal, fazendo ilustrações para as matérias e, aos 18 anos, começou a frequentar o movimento *antropofagia*, dirigido por Oswald de Andrade. Durante sua participação nesse movimento, ela iniciou um romance com o líder do movimento, quando esse ainda era casado; posteriormente casou-se com ele.

Por volta de 1930, essa escritora passou a ter acesso a vários textos marxistas; se identificou com a causa e filiou-se ao Partido Comunista. Para ser aceita como militante, Patrícia Galvão submeteu-se a todas as exigências do Partido; dedicou-se em tempo integral à causa comunista; anulou-se por diversas vezes e aceitou missões degradantes em benefício da organização. Durante sua atuação como militante, foi presa, sendo considerada a primeira mulher comunista a ser detida. A despeito de a militante cumprir, fielmente, todas as exigências do Partido Comunista e aspirar ser aceita como membro efetivo, como companheira de luta e de classe, percebe-se que ela nunca foi devidamente reconhecida pela organização.

Quanto a sua atuação no Modernismo, pode-se dizer que essa escritora, novamente, lidou com a falta de reconhecimento; a maioria dos críticos do Modernismo não menciona sua participação nessa escola literária. Patrícia Galvão iniciou sua carreira no movimento antropofágico, em 1928, quando surgiu a *Revista de Antropofagia*, dirigida por Antônio de Alcântara Machado e gerenciada por Raul Bopp. O período de transição do movimento modernista, que gerou o *Manifesto Antropófago* e a criação da “2ª denteição” da *Revista de Antropofagia*, além de contar com as personalidades mencionadas, teve a participação de Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e outros escritores. Patrícia Galvão, a despeito de ter começado sua carreira em 1928, só teve o nome mencionado pela primeira vez em 1929.

Inicialmente, Patrícia Galvão passou a frequentar as reuniões promovidas pelo pequeno grupo modernista, quando se discutiam os rumos do Modernismo; segundo Raul Bopp, “[a] frequência, notadamente nos dias estabelecidos para um *open house*, era, na sua maior parte, composta de gente jovem” (BOPP, 2012, p. 56). Foi nesses encontros que Patrícia Galvão encantou o casal Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, por ser uma jovem ousada e rebelde. Tais características, além de fugir do tradicionalismo imposto pela sociedade, dialogavam com os ideais defendidos pelo grupo modernista.

A jovem declamava poemas modernistas nas reuniões dos grupos e no Teatro Municipal; posteriormente, mostrou interesse em criar suas próprias obras. Sua primeira atuação de sucesso, junto ao grupo modernista, deu-se após sua apresentação no Teatro Municipal, no ano de 1929, quando declamou três poemas, sendo que o primeiro: “Coco de Pagu”, foi criado em sua homenagem. Ao final do espetáculo, Patrícia Galvão foi ovacionada pelo público.

Haroldo de Campos reconhece essa escritora como a figura mais importante do Modernismo, depois de Tarsila do Amaral. Segundo o pesquisador, Patrícia Galvão, com 18 anos, já apresentava seu primeiro trabalho, que consistia em um desenho acompanhado de texto poético, intitulado “legenda e figura de Pagu (do álbum de Tarsila)”, o qual foi publicado na revista de número 2, do *Diário de São Paulo*. Os companheiros de trabalho da escritora foram Di Calvalcanti, Cícero Dias e Tarsila do Amaral, artistas de grande expressividade naquele momento histórico-cultural e que ainda hoje são reconhecidos e prestigiados.

Observa-se que, a despeito de Patrícia Galvão só vir a participar efetivamente do Modernismo em sua segunda denteição, ela absorveu a ideologia estética defendida no primeiro momento do Modernismo e retrata em suas obras aspectos desses dois momentos literários.

Parque Industrial reuniu esses dois projetos: a revolução na criação estética e o cunho ideológico. O romance apresenta uma inovação na linguagem utilizada, mesclando características da vanguarda cubista e futurista. Quanto às características cubistas, a narrativa apresenta um estilo fragmentado, com frases curtas e descrição superficial dos fatos. No trecho a seguir é possível visualizar tais aspectos “Alfredo Rocha lê Marx e fuma um Patargas no apartamento rico do hotel Central. Os pés achinelados machucam a pelúcia das almofadas. Cachorrinhos implicantes. Bonecas. O chic boêmio. Uma criadinha chinesa para servir o casal. A desarrumação”. (GALVÃO, 2006, p. 55-56). Nota-se nesse excerto a inovação estética proposta pela vanguarda cubista, marcada por frases soltas e incompletas, ao mesmo tempo em que é possível visualizar o cunho ideológico e crítico da obra.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

No que diz respeito às ideias futuristas, é possível observar, além da fragmentação, a ruptura com a norma culta e acadêmica, a linguagem solta, a sintaxe desorganizada, a velocidade da narrativa, que acompanha a velocidade da urbanização e dos trabalhos nas fábricas. No excerto a seguir é possível identificar tais características: “O grito possante da chaminé envolve o bairro. Os retardatários voam, beirando a parede da fábrica, granulada, longa, coroadas de bicos. Resfolegam como cães cansados para não perder o dia. Uma chinelinha vermelha é largada sem contraforte na sarjeta”. (GALVÃO, 2006, p. 18).

Observa-se a confusão de ações acontecendo simultaneamente, sem detalhamento preciso de cada uma delas. Mistura-se a velocidade da máquina com a pressa dos operários em chegar no horário certo ao serviço. A forma como as palavras são empregadas transmite velocidade à narrativa. Verifica-se que o emprego das características futuristas não tinha a intensão de exaltar o progresso, mas mostrar o lado obscuro da industrialização.

Constata-se que Pagu empregou nessa narrativa a revolução da linguagem e o engajamento político, voltado para a ideologia de esquerda. A narrativa, através de linguagem inovadora, denuncia a desigualdade de classe e as condições precárias das operárias que trabalhavam na fábrica do Brás.

Nota-se que a despeito do romance apresentar várias características do Modernismo, os críticos desse período e historiadores não mencionam esse romance, relegando obra e autora ao esquecimento.

Observa-se que, ao longo dos séculos, muitas mulheres escreveram, mas poucas foram reconhecidas. A maioria das obras consideradas canônicas, e que circulam no meio acadêmico, é de autoria masculina; as poucas mulheres escritoras que conseguiram publicar seus livros nos séculos passados eram provenientes de classe abastada; algumas tinham familiares que atuavam no meio literário e muitas escreveram com o pseudônimo masculino.

O apagamento da escrita feminina é consequência da sociedade patriarcal que restringiu sua atuação ao ambiente doméstico. Ademais, o papel de crítico literário era responsabilidade de um grupo seletivo de homens; logicamente, esses críticos reconheciam as obras de seus pares como adequadas e as produções femininas como inapropriadas.

Dentre os críticos literários estudados, nesta pesquisa, apenas Luiz Bueno dedica algumas linhas para referir-se a Patrícia Galvão e a *Parque Industrial*. O livro no qual encontramos referência a esta escritora é *Uma História do Romance de 30*, que expõe de forma detalhada o período histórico; estuda os escritores e obras do período e faz uma análise da recepção crítica das obras produzidas. Os demais críticos estudados, não mencionam a escritora e suas obras.

Observa-se que o fato de ser mulher e comunista, possivelmente, contribuíram para o silenciamento dessa escritora, portanto, buscamos como esse trabalho mostrar um pouco da vida de Patrícia Galvão e sua atuação como militante e escritora.

Conclusão

Ao longo dos séculos, muitas mulheres que desempenharam um importante papel social na história, nas artes e na literatura, foram silenciadas pelo patriarcalismo. Ao nos dedicarmos ao estudo da vida e obra de Patrícia Galvão estamos contribuindo para o dessilenciamento imposto a essa escritora.

Percebe-se que Patrícia Galvão é silenciada pela sua condição de mulher e pela sua transgressão as regras patriarcais; sua obra, *Parque Industrial*, também se caracteriza como uma narrativa que rompe os padrões conservadores e busca dar voz as mulheres operárias, pode-se dizer que a própria estética da obra representa o silenciamento das mulheres; as frases curtas, característica marcante do romance, parece ser um recurso usado pela escritora para evidenciar a falta de voz das mulheres operárias.

Referências Bibliográficas



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

BOPP, Raul. **Vida e Morte da Antropofagia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1972. p. 339-488.

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CAMPOS, Augusto de (Org.). **Pagu**. **Patrícia Galvão**. Vida-Obra. São Paulo, Brasiliense, 1982.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a Cultura. In: CANDIDO, Antonio. **Educação Pela Noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira: Modernismo**. São Paulo: Difel, 1975.

GALVÃO, Patrícia. (Mara Lobo). **Parque Industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

[1] O presente trabalho é fruto da pesquisa de mestrado realizado no programa de Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros; foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Código de Financiamento 001.